

COMENTÁRIO AO LIVRO / *COMMENT TO THE BOOK*

“Nos limites da Amazônia Azul – As ilhas de São Pedro e São Paulo + Trindade” de Antônio Marinho, Roberta Jansen e Simone Marinho *

Editora Casa da Palavra, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Ruy José Válka Alves ^{@, 1} & Nílber Gonçalves da Silva

O conceito de Amazônia Azul confere ao Brasil uma grande vantagem estratégica, mas também uma maior responsabilidade de manter a soberania sobre os recursos de uma grande faixa do Oceano Atlântico, acrescentando 963 mil km² aos 3,5 milhões já sob seu domínio (Marinha do Brasil, 2011). O conhecimento científico dessa área marítima é fundamental para garantir tal soberania e uma boa gestão dos recursos naturais. A divulgação de informações precisas sobre as ilhas oceânicas brasileiras terá um papel fundamental na construção desse conhecimento, e os recentes livros (Mohr *et al.* 2009; Marinho *et al.*, 2010; Côrtes & Gasparini, 2010) visam contribuir para a divulgação da mentalidade marítima.

Dos Arquipélagos de São Pedro e São Paulo e da Trindade, o livro de Marinho *et al.* (2010) traz ao leitor fotografias de paisagens, flora e fauna de excelente qualidade. Porém, os editores abriram mão da oportunidade de identificar, no texto, os lugares e as espécies retratadas. Segundo o livro, embora a área somada do Arquipélago de São Pedro e São Paulo seja de apenas 1,3 ha, já se revezaram mais de 1200 pesquisadores na Estação Científica ali construída pela Marinha do Brasil. Embora sejam muito maiores, tanto em extensão quanto em diversidade biológica, as Ilha da Trindade e de Martin Vaz receberam, até hoje, um número menor de cientistas. A recente construção da Estação Científica da Ilha da Trindade (ECIT) já vem reduzindo esse desequilíbrio de atenção científica, restando envidar maiores esforços em Martin Vaz.

Ao longo dos próximos anos a Ilha da Trindade passará por um necessário replantio das espécies de árvores nativas. A medida se torna possível graças à cooperação, recém acordada, da ONG “SOS Mata Atlântica” com o Museu Nacional (responsável pelo projeto que vem recuperando a vegetação da Ilha) e a Marinha do Brasil (que administra a Ilha). Os ensaios anteriores de plantio de árvores mostraram que é possível recuperar a Ilha. Todas as ações vindouras serão realizadas com ainda mais informação e cuidado. O exponencial interesse da Marinha, a criação da ECIT e resultados conservacionistas positivos geram um inevitável entusiasmo.

“Nos Limites da Amazônia Azul” (Marinho *et al.*, 2010) reflete justamente esse entusiasmo, trazendo muitas informações sobre a Ilha da Trindade, algumas das quais são aqui revisadas com mais minúcia, para melhor subsidiar gestores e pesquisadores desse Arquipélago.

O programa de replantio das espécies nativas do Museu Nacional não foi concluído (p. 82). Ademais, a fase experimental de replantio se iniciou em 1998, apesar de a recuperação natural estar sendo monitorada desde 1994.

O naturalista *Carl Friedrich Philipp Von Martius* nunca visitou a Ilha e nem faz menção a esta em sua obra (p. 69). O que ocorreu foi uma expedição do Museu Nacional à Ilha em 1994-1995, batizada como “Expedição Von Martius” (Alves, 1998).

@ - Autor correspondente: ruyvalka@yahoo.com

1 - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, 20940-040 - Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Durante nossas últimas estadias andamos pela Ilha toda e não achamos nem vestígios das 5000 mudas de *Colubrina glandulosa* (árvore nativa) que são atribuídas a um único plantador em 2008 (p. 75). Também não encontramos os sensores que medem nível de água nos solos que constam estar dispostos por toda a Ilha (p. 89).

Não se pode afirmar que as samambaias gigantes da Ilha da Trindade são provenientes de Santa Catarina ou do Paraná (p. 83) sem estudos aprofundados e abrangendo materiais oriundos de todo o Brasil (o que não foi publicado até o momento). Na segunda coluna se fala em polinização em samambaias, fenômeno que não ocorre neste grupo de plantas.

O caranguejo terrestre *Johngarthia (Gecarcinus) lagostoma* não precisou de um tronco para chegar (p. 87). Esses caranguejos desovam no mar e as larvas, planctônicas, são dispersas pelas correntes marinhas, dispensando a teoria dos troncos flutuantes atualmente tão aplicada a todo tipo de ser vivo. A espécie é nativa e restrita às Ilhas Oceânicas de Trindade, Martin Vaz, Atol das Rocas, Fernando de Noronha, Ascensão (Hartnoll *et al.*, 2006) e Martin Vaz e não ocorre nos continentes.

O período da última atividade vulcânica na Ilha da Trindade ainda é polêmico. Em sua última publicação, a maior autoridade em geologia da Ilha, Fernando de Almeida, afirma que o último vulcanismo ocorreu no Holoceno (ao longo dos últimos 11 mil anos), mas nas publicações anteriores ele sugeria o Pleistoceno (há mais de 11 mil anos) (Almeida 2002; 2006). No livro (p. 90), afirma-se que o último vulcanismo ocorreu há apenas 5000 anos (no meio do Holoceno), mas nenhuma fonte é citada para tal informação.

Na p. 93 se afirma que os fulguritos, rochas resultantes da fusão de solo pela descarga de relâmpagos, seriam formados pela atração que a areia da Praia do Eme exerce, por ser metálica. De fato, a areia de algumas praias, como a do EME, contém magnetita, mas nunca foi achado um fulgurito sequer nessas praias com areia de magnetita. Todos os fulguritos encontrados na Ilha são compostos quase inteiramente de areia carbonática branca (vide Zucolotto *et al.*, 1997) ou oriundos de tufo vulcânico, também sem magnetita.

No geral, principalmente pela qualidade das fotografias, o livro se mostra de grande utilidade para a divulgação de dois territórios brasileiros de difícil acesso e beleza cênica incomparável, revestidos de grande importância ecológica, científica e estratégica.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, F.F.M. (2002) - Ilha de Trindade - Registro de vulcanismo cenozóico no Atlântico Sul. In: C. Schobbenhaus, D.A. Campos, E. T. Queiroz, M. Winge M.L.C. Berbert-Born (Eds.). *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*. 1ª ed., pp. 369-377, Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos, Brasília, DF, Brasil.
- Almeida, F.F.M. (2006) - Ilhas oceânicas brasileiras e suas relações com a tectônica atlântica. *Terra Didática*, 2:3-18.
- Alves, R.J.V. (1998) - *Ilha da Trindade & Arquipélago Martin Vaz - um Ensaio Geobotânico*. 144p., Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Côrtes, C.; Gasparini, J.L. (2010) - *Ilha da Trindade - veio de mysterio à flôr dagua*. 127p., Andaluz, Rio de Janeiro, RJ, Brazil.
- Hartnoll, R.G.; Mackintosh, T.; Pelembe, T.J. (2006) - *Johngarthia lagostoma* (H. Milne Edwards, 1837) on Ascension island: a very isolated land crab population. *Crustaceana*, 79: 197-215.
- Marinha do Brasil. (2011) - *Amazônia Azul*. Portal web da Marinha do Brasil, Brasília, DF, Brasil. http://www.mar.mil.br/menu_v/amazonia_azul/amazonia_azul.htm (acedido em Novembro 2011)
- Marinho, A.; Jansen, R.; Marinho, S. (2010) - *Nos Limites da Amazônia Azul; As ilhas de São Pedro e São Paulo + Trindade*. 160p., Casa da Palavra, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ISBN: 978857734158-0
- Mohr, L.V.; Castro, J.W.A.; Costa, P.M.S.; Alves, R.J.V. (Orgs) (2009) – *Ilhas Oceânicas Brasileiras: da Pesquisa ao Manejo*. Vol 2. 501p., Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas, Brasília, DF, Brasil. ISBN: 9788577380763
- Zucolotto, M.E., Alves, R.J.V.; Antonello, L.L. (1997) - Calcareous Sand “Fulgurites” from Trinidad Island. *Acta Microscopica*, 6 (Supl. A): 356-357.

Nos limites da Amazônia Azul – As ilhas de São Pedro e São Paulo + Trindade

Autores: Antônio Marinho, Roberta Jansen e Simone Marinho

Editora Casa da Palavra, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

160 páginas– 1ª edição, 2010

ISBN: 9788577341580